

Samuel Rawet, crítico teatral e colaborador da Revista Branca

Luciano de Jesus Gonçalves¹

Resumo

O ano de 1948 registrou o lançamento de um empreendimento editorial que dinamizou a história da literatura brasileira, principalmente na década seguinte a sua estreia. Acatando a sugestão do amigo Evaldo Coutinho (1911-2007), o jovem escritor Saldanha Coelho (1926-2006) denominou a sua empreitada pelo nome de Revista Branca, tradução direta de La Revue Blanche, iniciativa francesa que vigorou entre os anos de 1889 e 1903. Marcel Proust (1871-1922), estimado por Coutinho, colaborou com frequência no projeto francês e esse foi o motivo da indicação do título, espécie de homenagem indireta. Mais do que uma genealogia completa da publicação brasileira, que durou pouco mais de dez anos, ou mesmo um paralelo comparativo com a realização dos irmãos Natanson, fundadores da iniciativa francófona, a comunicação restringe o horizonte de análise quando se detém na circulação intelectual de um de seus colaboradores, o judeu-polonês Samuel Rawet (1928-1984), naturalizado brasileiro aos sete anos de idade. Ao mapear e discutir a colaboração de Rawet na revista, pretendo ampliar as definições imputadas ao escritor ao longo de sua carreira, além de situá-lo, cada vez mais, no campo da produção das letras nacionais, ainda que, muitas vezes, sua literatura seja considerada hifenizada. De maneira preliminar, tais colaborações acentuam a ligação de Rawet com a crítica teatral, faceta que tem passado ao largo de sua recepção acadêmica nos últimos quarenta anos. Como motivação de pano de fundo, a minha apresentação poderá se alinhar às discussões em torno dos setenta anos de publicação da primeira edição da Revista Branca, ou, pelo menos, ao desejo de que elas ocorram ao longo do ano de 2018.

Palavras-chave

periódicos brasileiros; Saldanha Coelho; crítica teatral; Nelson Rodrigues; Oswald de Andrade;

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo – PPGLB-USP, sob a orientação da professora doutora Eliane Robert Moraes, em pesquisa sobre a prosa degenerada de Samuel Rawet, coorientada pela professora doutora Rosana Kohl Bines, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUCRIO. Suplente da Representante Discente. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO. E-mail: ljpg@usp.br.

Palavras iniciais

Desde as primeiras edições, a **Revista Branca** insuflou o cenário das letras, arrebatando colaborações importantes. Não raramente, a iniciativa contava com a participação de Otto Maria Carpeaux, Tristão de Athayde, Augusto Meyer, Lúcia Miguel Pereira, traduções de poemas de Carlos Drummond de Andrade, ilustrações de Poty, Goeldi, entre tantos outros.

O diferencial, com relação à maior parte dos periódicos concorrentes, que mantinham o foco no tradicional formato revista, é que a **Revista Branca**, ao contrário, acomodava no seu interior diferentes formatos, como o da organização da **Antologia de contos de escritores novos do Brasil**. Espécie de livro-anexo, com quase quinhentas páginas, o material condensava, no primeiro aniversário da organização, a produção dos membros mais alinhados aos ideais da iniciativa, além de nomes como Herberto Sales, Ledo Ivo, José Condé, Lygia Fagundes Teles e Murilo Rubião. Afora o trabalho em torno das revistas, o grupo passou a atuar como editora, lançando novos artistas e intelectuais, ou trazendo à tona colaboradores vistos como experientes ou mesmo promissores.

Homenagem a **La Revue Blanche** e a Proust, o periódico brasileiro não escondia essa motivação pouco mais tarde, com o lançamento de um volume que assinalou a recepção do escritor francês no Brasil, a **Proustiana brasileira** (1950). Mais uma edição do grupo, o conjunto de ensaios aliava ineditismo, ousadia e senso editorial. Com o objetivo de rememorar a morte de Proust – ocorrida no dia 18 de novembro de 1922 –, os editores demonstraram uma atenção especial para as efemérides temporais, o que facilitava a publicidade de suas empreitadas, como é o caso desse projeto proustiano. A edição comemorativa foi lançada em duas versões, uma com tiragem de trinta exemplares, em um papel mais sofisticado, especial, e fora de comércio; e mil em edição de material mais comum. A edição consultada não especifica os tipos de papel (COELHO, 1950).

No terceiro ano de aniversário, a revista passou a ser veiculada em papel jornal, em formato de tabloide. As mudanças acompanharam a iniciativa ao longo do intervalo em que esteve ativa, mesmo que de modo não regular, e dominaram as atenções do

seguimento na década de 1950. É a partir desse período de maior efervescência que localizo as primeiras colaborações de Rawet para a organização (QUADRO I).

Menos que uma genealogia completa da publicação brasileira, que durou pouco mais de dez anos, ou mesmo um paralelo comparativo com a realização dos irmãos Natanson, fundadores da francesa **La Revue Blanche**, esta comunicação se restringe ao horizonte de análise ao se deter na circulação intelectual de um de seus colaboradores, o judeu-polonês Samuel Rawet (1928-1984), naturalizado brasileiro aos sete anos de idade. Ao discutir a colaboração de Rawet na revista, pretendo mapear parte de sua produção ainda não documentada pela crítica para, em seguida, ampliar as definições imputadas ao escritor ao longo de sua carreira, além de situá-lo no campo da produção das letras nacionais, ainda que, muitas vezes, sua literatura seja considerada hifenizada.

Métodos de mapeamento e recolha dos textos

A base inicial para a verificação da relação de Samuel Rawet com a **Revista Branca** foi o banco de dados da Hemeroteca Digital Brasileira, localizado no site <memoria.bn.br>. Nesse banco, no período que vai de 1950 a 1959, o descritivo ou a entrada “Samuel Rawet” está distribuído entre 34 periódicos, de 7 estados diferentes, a saber: Paraná, Pernambuco, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul, contabilizado em 304 ocorrências.

Reforço, no entanto, que a ocorrência não implica o registro factual da palavra, pois sua identificação ocorre via sistema de digitalização. Em alguns desses casos, a palavra “Rawet”, por exemplo, é identificada como “câncer”, para ficar apenas nesse exemplo curioso.

O período que corresponde aos anos de 1940 e 1949 também contempla a ocorrência do descritivo “Revista Branca” nos dados da Hemeroteca Digital Brasileira. Trata-se de um conjunto de 24 periódicos e 197 ocorrências ao todo. Por outro lado, não há registro da colaboração de Rawet nesse hiato, já que primeira colaboração do escritor na revista data do ano de 1950.

Entre 1950 a 1959, a entrada para revista foi encontrada em 1.094 ocorrências, distribuídas em 52 periódicos, de onze estados (Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo). O hiato corresponde ao momento mais produtivo da publicação. Nesse caso, as consultas foram realizadas para confirmação das ocorrências do descritivo “Samuel Rawet” nas páginas das edições divulgadas na imprensa.

Essa pesquisa *online* me permitiu, de maneira indireta, via repercussão jornalística dos números, edições da revista e publicação de alguns de seus sumários, a realização de um quadro inicial, espécie de quebra cabeças, das publicações de Rawet no periódico. Isso porque, embora o sistema de obras seriadas da Biblioteca Nacional encontra-se digitalizado, a **Revista Branca** não compõe esse acervo digital. No que se refere à leitura desse material impresso, a visita do consulente às dependências da instituição, na cidade do Rio de Janeiro, não foi permitida, devido a uma reforma das dependências da instituição; as tentativas foram realizadas em janeiro do ano corrente.

Após esse cotejamento, e diante de um quadro ainda incompleto sobre a sua colaboração na revista, foi possível encontrar alguns dos textos que procurava no acervo da Biblioteca Rodolfo Garcia, preservado na Academia Brasileira de Letras – ABL, também no Rio de Janeiro. Outra fonte de informação preciosa foi o filho do escritor Saldanha Coelho, Luciano Saldanha Coelho, que, gentilmente, me cedeu alguns números da publicação.

O quadro a seguir estabelece as doze colaborações individuais do escritor, mapeadas durante o processo:

QUADRO I: COLABORAÇÕES DE SAMUEL RAWET PARA A REVISTA BRANCA			
Ano	Número	Título do trabalho	Observações
1950	12	“Josias, o Triste”	Ano II. 2º aniversário da revista. Em formato revista. Conto.
1950	14	“A camisola do anjo”	Ano III. Seção “Notas de Teatro”. Novembro/Dezembro de 1950. Texto do acervo de Luciano Saldanha Coelho. Crítica teatral.
1951	15	“Anton Tchekov”	Ano III. Rawet aparece listado no corpo de redação. Em formato tabloide. Texto do acervo de Luciano Saldanha Coelho Crítica teatral.
1951	16	“A volta”	Edição de aniversário de 3 anos. Em formato revista. Peça teatral em 1 ato.
1951	17	“O teatro de Nelson Rodrigues”	Ano IV. Rawet divide esse texto em duas partes. A segunda delas foi publicada no próximo volume da revista. Em papel jornal e formato tabloide. Crítica teatral.
1951	18	“O teatro de Nelson Rodrigues”	Ano IV. Em papel jornal e formato tabloide. Crítica teatral.
1952	21	“Posição da crítica teatral”	Em papel jornal e formato tabloide. Crítica teatral.
1952	[?]	“Teatro no Modernismo – Oswald de Andrade”	Junho de 1952. Esse texto será republicado, mais tarde, no volume Modernismo: estudos críticos . “Número especial dedicado ao 30 aniversário do Modernismo – Vol. II”. Em formato tabloide. Texto do acervo de Luciano Saldanha Coelho Crítica teatral.
1952	[?]	“A propósito de uma entrevista”	Outubro de 1952. Texto oferecido por Liliana Marlés Valencia, em registro do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, da Universidade de São Paulo. Crônica teatral.
1952	[19 ao 27]	“Entrevista com Adolfo Celi”.	Dezembro de 1952. Texto do acervo de Luciano Saldanha Coelho Entrevista.
1953	[28 ou 29]	“Café da Manhã. A última crônica”	Texto publicado no número em homenagem ao escritor Jones Rocha. Abril de 1953. Texto do acervo de Luciano Saldanha Coelho Crônica.
1954	Modernismo: estudos críticos	“Teatro no Modernismo – Oswald de Andrade”	Formato livro. Crítica teatral.

Fonte: Gonçalves, 2018.

Apontamentos preliminares

Da leitura e análise preliminares desse corpus, é possível afirmar que tais colaborações acentuam a ligação de Rawet com a crítica teatral, faceta que tem passado ao largo da recepção crítica do escritor dos últimos quarenta anos, período em que sua obra experimenta um crescente interesse. Iniciando a sua colaboração com o conto, noto que, a partir do momento em que passa a colaborar com a equipe de redação da revista, Rawet direciona seus escritos para uma espécie de responsabilidade de especialista na cena teatral. Além da peça em um ato, “A volta”, o teatro figura em mais dez textos dos doze mapeados.

Assumindo uma posição geral de que o teatro nacional passava por uma crise, anterior à semana de 22, principalmente no campo da produção dramática, Rawet se posiciona na defesa do estudo das artes dramáticas por parte das letras contemporâneas. O conjunto de colaborações mantido na **Revista Branca** acentua, então, esse caráter de homem de teatro, seja como o dramaturgo que iniciou o movimento da publicação de peças nacionais na revista, seja como crítico.

Sobre essa segunda vertente teatral, Rawet adentra o debate escolhendo duas figuras, ainda que óbvias no período, complexas de serem estudadas. A primeira delas surge na oportunidade de um livro do crítico Fonseca Pimentel, **O teatro de Nelson Rodrigues**, publicação paralela à realização do I Congresso Brasileiro de Teatro, realizado no Rio de Janeiro entre 9 e 13 de julho de 1951. Os dois eventos, a publicação e o congresso, são apontados pelo crítico como sintomáticos, na medida em que animam um debate interessado em discutir os problemas teatrais, reunindo “[...] gente que conhece o assunto” (RAWET, 1951c, p. 18).

A última dessas figuras, não menos emblemática, é a do escritor Oswald de Andrade, lido em sua expressão de dramaturgo. Síntese da faceta de Rawet como crítico teatral, essa relação dupla será destacada em minha comunicação oral em um diálogo com as posições de Sábato Magaldi (2004) sobre a dramaturgia oswaldiana.

Samuel Rawet experimentou todos os âmbitos que o processo de edição do

manuscrito literário pode oferecer ao artesão da palavra. A relação com o mercado da produção intelectual e artística se confunde com o momento em que o artista passa a publicar seus primeiros textos. Isso significa compreender tal processo como algo imbricado ao seu ofício da escrita. Em Rawet, não raramente, a postura analítica descambava para uma avaliação séria, senão irônica e raivosa, em defesa do ofício do intelectual como trabalho a ser remunerado.

O cotidiano com os periódicos literários implicava reflexão sobre o papel do intelectual e as possibilidades do escritor. Essa série de atividades irá munir Rawet numa empreitada judiciária que cristaliza esse embate do escritor brasileiro que procurava viver de literatura. A circulação entre intelectuais também possibilitou o engajamento em uma disputa que tomaria a década seguinte. Refiro-me ao processo movido em conjunto com Carlos Drummond de Andrade e Autran Dourado, contra a Bloch Editora, uma grande empresa do ramo editorial, em face da publicação da antologia **Literatura Brasileira em Curso**, em 1968, que copilou, sem a autorização prévia dos escritores, trechos de suas obras.

Os problemas analisados nas relações teatrais, Rawet decidiu combater de maneira mais incisiva em sua dimensão de prosador. O posicionamento ideológico do escritor e sua atuação como intelectual das letras passaram a ser utilizados para defender a categoria. As derivações dessa briga, motivo para uma próxima comunicação, apontam para a história da profissionalização do escritor e, por conseguinte, para construção dos direitos autorais, além das associações de Rawet com questões e nomes da literatura brasileira.

Referências bibliográficas

COELHO, Saldanha. (Org.). *Antologia de contos de escritores novos do Brasil*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1949.

_____. *Proustiana Brasileira*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1950.

_____. *Modernismo: estudos críticos*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1954.

MAGALDI, Sábato. *Teatro da ruptura: Oswald de Andrade*. São Paulo: Global, 2004.

PIMENTEL, Antônio Fonseca. *O teatro de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Edições Margem, 1951.

RAWET, Samuel. Josias, o triste. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, maio e agos., n.12, p. 75-77. 1950a. [2º aniversário, ano II].

_____. A camisola do anjo. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, nov. e dez., n. 14, p. 35, 1950b [ano III].

_____. Anton Tchekov. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 27, 1951a. [Ano III].

_____. A volta. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 34-38, 1951b. [Edição do aniversário de 3 anos, peça em 1 ato].

_____. O teatro de Nelson Rodrigues. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, n. 17, p. [2], 1951c [Ano IV].

_____. O teatro de Nelson Rodrigues II. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 3, 1951d. [Ano IV].

_____. Posição da crítica teatral. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 2, 1952a.

_____. Teatro no Modernismo – Oswald de Andrade. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, n. [?], p., 1952b. [Número especial dedicado ao 30 aniversário do Modernismo – Vol. II].

_____. A propósito de uma entrevista. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, n. [?], out. p.2, 5 e 11, 1952c.

_____. Entrevista com Adolfo Celi. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, n. [?], dez. p. 5 e 11, 1952d.

_____. Café da manhã – A última crônica. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, n. [?], abr., p., 1953 [Número em homenagem ao escritor Jones Rocha].

_____. Teatro no Modernismo – Oswald de Andrade. In: COELHO, Saldanha. (Org.). *Modernismo: estudos críticos*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1954, p. 101-